

**O CORPO EM EXPOSIÇÃO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO PADRÃO DE BELEZA FEMININA NA PROVA ORAL DO CELPE-BRAS****THE BODY ON DISPLAY: SEMIOTIC ANALYSIS OF THE FEMALE BEAUTY PATTERN IN THE ORAL CELPE-BRAS TEST**Oriana de Nadai Fulaneti<sup>1</sup>Jessye Kessia de Carvalho Pereira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Com a ascensão da língua portuguesa e aumento considerável de estrangeiros no Brasil, foi criado em 1998 o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa (Celpe-bras), o único certificado reconhecido oficialmente pelo governo brasileiro que atesta a proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (PLE). Com aplicação no Brasil e mais 39 países, o exame é feito em duas partes, uma escrita e outra oral. Nosso estudo é pautado na seção oral, que consiste em uma entrevista de interação face a face entre um examinando e dois avaliadores a partir de três Elementos Provocadores, materiais constituídos de textos verbovisuais que abordam tópicos do cotidiano de interesse geral. Dentre esses temas encontram-se discussões sobre a mulher, sendo a maioria delas envolvendo a questão da beleza. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é depreender a imagem de beleza feminina presente nos elementos provocadores do Celpe-Bras, ou seja, verificar qual o discurso sobre a beleza feminina veiculado por um exame brasileiro feito para estrangeiros de todo o mundo. Para tanto, foram estudados os dez elementos provocadores que abordam o tema e selecionados dois mais representativos para a análise. A fundamentação teórico-metodológica adotada é a Semiótica Francesa de perspectiva greimasiana (Greimas, 1975; s.d), com as contribuições dos desdobramentos da semiótica plástica e sincrética, sobretudo de Floch (1983; 1985; 2002) e Teixeira (2004; 2009). Para o maior aprofundamento da análise, foram utilizados também os estudos de Beuavois (2019) e Wolf (2017) sobre mulher e beleza. Como resultados, verifica-se, comparando as primeiras edições e as mais recentes, um deslocamento discursivo na concepção de beleza do Celpe-Bras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Celpe-bras. Elementos Provocadores. Beleza Feminina. Semiótica Francesa.

**ABSTRACT:** With the rise of the Portuguese language and the considerable increase of foreigners in Brazil, the Certificate of Proficiency in Portuguese Language (Celpe-bras) was created in 1998, the only certificate officially recognized by the Brazilian government that attests to proficiency in Portuguese Language for Foreigners (PLE). With application in Brazil and 39 other countries, the exam is done in two parts, one written and one oral. Our study is based on the oral section, which consists of a face-to-face interaction interview between one examinee and two evaluators based on three Provocative Elements, materials made up of verbovisual texts that address everyday topics of general interest. Among these topics are discussions about women, most of them involving the issue of beauty. In this context, the objective of this article is to understand the image of female beauty present in the provocative elements of Celpe-Bras, that is, to verify which discourse on female beauty is conveyed by a Brazilian examination made for foreigners from all over the world. For this purpose, the ten provocative elements that approach the subject were studied and two more representative ones were selected for the analysis. The theoretical-methodological basis adopted is the French Semiotics from a Greimasian perspective (Greimas, 1975; s.d), with the contributions of the developments in plastic and syncretic semiotics, especially from Floch (1985; 1995; 2002) and Teixeira (2004; 2009). For further analysis, we also rely on studies by Beuavois (2019) and Wolf (2017) on women and beauty. As results, a discursive shift in the conception of beauty of Celpe-Bras can be seen, comparing the first editions and the most recent ones.

**KEYWORD:** Celpe-bras. Provocative Elements. Female Beauty. French Semiotic.

<sup>1</sup> Doutora em Linguística e professora no Departamento de Língua Portuguesa e Linguística e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: od.fulaneti@uol.com.br

<sup>2</sup> Graduada em Letras pelo Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: jessyekessia16@gmail.com

## 1 Introdução

A língua portuguesa como Língua Estrangeira (PLE) vem ganhando cada vez mais força nas últimas décadas e, particularmente no Brasil, houve uma crescente procura de alunos estrangeiros, bem como a ampliação de programas para o incentivo de ingresso de estudantes e trabalhadores internacionais no país. Uma das consequências dessas demandas foi a criação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-bras), em 1998.

O exame é desenvolvido pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil (MEC), sob a tutela do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e colaboração do Ministério das Relações Exteriores (MRE). Trata-se do único documento oficial brasileiro que atesta a proficiência em PLE. Internacionalmente, é válido como comprovação de proficiência da língua portuguesa tanto em empresas quanto em instituições de ensino. No Brasil, é exigido pelas universidades para o ingresso de alunos estrangeiros em cursos de graduação e em programas de pós-graduação, bem como para a validação de diplomas de profissionais que pretendam trabalhar no país. De acordo com o site do Inep (<http://portal.inep.gov.br/acoes-internacionais/celpe-bras>), o Celpe-Bras é atualmente aplicado em todas as regiões do Brasil e em outros 39 países, tendo contado com mais de 7 mil examinandos em 2019.

A prova, de natureza comunicativa, propõe-se a avaliar os participantes nas categorias escrita e oral. Nosso estudo pauta-se na seção oral, que consiste em uma entrevista de interação face a face entre um examinando e dois avaliadores a partir de três elementos provocadores, materiais constituídos de textos verbais que abordam tópicos do cotidiano de interesse geral.

Atualmente<sup>3</sup>, cada edição do Celpe-Bras produz 20 elementos provocadores e os entrevistadores selecionam 03 por entrevistado, a partir do perfil prévio que os candidatos disponibilizam no momento da inscrição. Dentre os temas encontram-se discussões sobre a mulher, sendo a maioria delas sobre beleza. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é depreender a imagem de beleza feminina presente nos elementos provocadores do Celpe-Bras, ou seja, verificar qual o discurso sobre a beleza feminina veiculado por um exame brasileiro feito para estrangeiros de todo o mundo. Para tanto, foram estudados os dez elementos provocadores que abordam o tema e selecionados dois mais representativos para a análise.

Após termos feito uma leitura prévia de todos os 757 elementos provocadores utilizados nas 42 edições do exame (material disponível em <http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/acervo>), chamou-nos a atenção o fato de termos encontrado apenas 40 textos que traziam temáticas associadas ao feminino, ou seja, pouco mais de 5% do total. Desse conjunto, o tema mais abordado é a beleza, presente em 10 elementos provocadores, seguido de maternidade e trabalho. Essa quantidade revela que, mesmo com o crescimento dos discursos sobre a igualdade de gênero, conferem-se ainda pouca importância às questões da mulher.

No que diz respeito aos aspectos teórico-metodológicos, por meio de um viés qualitativo, tomamos como base as ferramentas da Semiótica Discursiva a partir da teoria de Greimas (1975; s.d) que compreende o texto como um percurso gerativo de sentido, através dos níveis fundamental, narrativo e discursivo. Tendo em vista que os elementos provocadores são constituídos de imagens e textos verbais, valemo-nos também da proposta metodológica de análise de textos verbais desenvolvida pelo semiótico greimasiano Jean Marie Floch (1985; 1995; 2002) e aprofundada no Brasil pela pesquisadora Lúcia Teixeira (2004; 2009). Em nosso percurso analítico, partimos dos aspectos da expressão visual dos elementos provocadores, tais como a forma e as cores para, então, aliar com a significação do plano de

<sup>3</sup> A partir de 2003, o Celpe-Bras passou a ter, de modo padrão, 20 elementos provocadores por edição. Antes disso, porém, o número variava, normalmente entre 13 e 16.

conteúdo, demonstrando a ideologia condicionada pelo Celpe-bras em torno da beleza feminina. Para o maior aprofundamento da análise, lançamos mão também de estudos de gênero das autoras Beauvoir (2019) e Wolf (2017), principalmente nas reflexões sobre a beleza e a condição da mulher.

Após essas informações prévias sobre o tema, o contexto e o objetivo do trabalho, apresentaremos, nas próximas seções, aspectos teóricos sobre a semiótica e a questão da mulher, os quais serão aplicados na análise que seguirá.

## 2 Semiótica e alguns conceitos

### 2.1 Para uma análise do plano de conteúdo

A semiótica francesa é uma teoria de grande capacidade heurística que surge na década de 1960 ancorada nos pressupostos teóricos de Saussure e de Hjelmslev acerca dos planos de expressão e conteúdo do signo linguístico. Seu fundador, Algirdas Julien Greimas, ao conceber uma teoria da significação, estabelece três condições necessárias para a sua existência: deve ser *gerativa*, isto é, apreender o conteúdo em patamares sucessivos, do mais abstrato ao mais concreto; *sintagmática*, ou seja, contemplar discursos e não apenas unidades lexicais isoladas; *geral*, isto é, admitir que o sentido pode ser manifestado por diferentes planos de expressão (Cf. GREIMAS; CORTÈS, s.d, p. 396).

Com base nessas condições, Greimas propõe o Percurso Gerativo do Sentido, um modelo de análise que busca apreender a construção do sentido por meio de um método com diferentes níveis de abstração e de complexidade. De acordo com Barros (2005, p. 5-15), estabelecem-se três etapas no percurso, sendo as estruturas fundamentais, as narrativas e as discursivas, cada uma com a sua sintaxe e a sua semântica. No nível fundamental, mais abstrato, encontra-se uma oposição semântica mínima responsável pela organização do sentido. No nível narrativo surge a gramática narrativa, que procura desvelar e explicar os participantes, as relações e as funções das transformações do texto. Por fim, no nível discursivo, um sujeito da enunciação assume a produção do enunciado.

O nível discursivo é o mais concreto de todo o percurso, é quando as formas abstratas apresentadas nas mudanças de estado do nível narrativo são concretizadas, tornando nítido o sentido perpassado no discurso do texto e explicitando os posicionamentos ideológicos. Pelo caráter de nosso trabalho, nossa análise privilegia essa etapa.

Adotando a perspectiva de Benveniste, a semiótica admite que todo enunciado pressupõe uma enunciação com um sujeito que a produz, em um determinado momento e local. Essa incorporação da teoria da enunciação pela semiótica é muito bem desenvolvida por Fiorin (2016). De acordo com o autor, ao tomar a palavra, o *sujeito da enunciação* projeta no discurso as categorias de tempo, espaço e pessoa por meio de mecanismos chamados *debreagens*. Na *debreagem enunciativa* instaura-se no enunciado o simulacro de pessoa (eu), espaço (aqui) e tempo (agora) da enunciação, produzindo um efeito de sentido de subjetividade e aproximação entre a enunciação e o enunciado. Diferentemente, a *debreagem enunciva* projeta um *ele*, *alhores* e *então*, gerando um efeito de objetividade e de distanciamento entre enunciação e enunciado. Comparemos as sentenças: “Eu vou fazer o exame Celpe-Bras em outubro aqui em João Pessoa” vs. “O exame Celpe-Bras ocorrerá em outubro em João Pessoa”. Na primeira, encontram-se marcas que remetem a um sujeito que diz (eu) e ao local de onde ele diz (aqui); já na segunda essas marcas são apagadas, conferindo a impressão que a frase foi dita “por si só”. Desse modo, esses termos possuem a possibilidade de estarem ocultos ou não no enunciado, dependendo do sentido que o texto pretende transmitir. Há diferenças entre se projetar um enunciado em primeira ou terceira pessoa; ancorar a referência temporal no agora ou em outro momento; falar a partir do próprio espaço ou de outro espaço no qual não

se está. Compete ainda frisar que essas categorias não são fixas na enunciação, não há uma fórmula para a constituição do enunciado, podendo existir uma debreagem enunciativa de pessoa e enunciva de tempo e espaço, por exemplo.

Além dessas categorias sintáticas, no nível discursivo define-se também a ordem semântica, com temas e figuras. Para Fiorin (2018, p. 90-107), os temas concretizam os investimentos abstratos nos valores do nível narrativo. Sua natureza é conceitual. As figuras correspondem aos elementos que remetem ao mundo natural. Dessa forma, os textos figurativos produzem um efeito de sentido de realidade. Vale destacar que os textos não são exclusivamente temáticos ou figurativos, mas predominantemente.

Nos textos, o esquema narrativo é revestido por um percurso temático, compreendido como um encadeamento de temas, que poderá ou não ser revestido por um percurso figurativo. Esses revestimentos temáticos e figurativos associam-se diretamente ao contexto sociocultural, revelando a ideologia que perpassa pelo discurso.

A apreensão das estratégias de debreagem e a identificação dos percursos temáticos e figurativos nos possibilitará (re)construir a imagem de beleza feminina presente nos elementos motivadores do Celpe-Bras. Como a maioria dos textos é composta por elementos verbais e visuais, faz-se necessário, ainda, acionar alguns conceitos de semiótica sincrética para completar nosso percurso de análise.

## 2.2 Para uma análise de expressões verbovisuais

Após a consolidação do Percurso Gerativo do Sentido na aplicação do plano do conteúdo, os semioticistas começaram a se debruçar sobre o plano de expressão. Nesse momento, a análise de história em quadrinhos e de campanhas publicitárias revela ainda a necessidade de se estudar a conjunção de várias semioses, ou seja, o sincretismo.

Os textos sincréticos tiveram duas definições na teoria semiótica: a primeira é originada dos estudos de Hjelmslev, que os associava ao conceito de neutralização em fonologia; e a segunda é dada pelo linguista Greimas, que não restringia esse conceito apenas ao campo do verbal, mas abarcava diversos outros tipos de linguagem. Assim, sincretismo para Greimas não é somente a representação da linguagem verbal, mas sim um conjunto de várias linguagens, tais como as gestuais e visuais, que são importantes para a produção de significação para todo e qualquer texto. Ao longo dos anos, esses conceitos foram se modificando e ampliando na semiótica, até o ponto em que sincrético é tido como:

[...] um objeto que, acionando várias linguagens de manifestação, está submetido, como texto, a uma enunciação única que confere unidade à variação. Objetos sincréticos, para dizer com mais rigor, são aqueles em que o plano de expressão se caracteriza por uma pluralidade de substâncias mobilizadas por uma única enunciação (TEIXEIRA, 2004, p. 235).

Tomando como base pesquisas de semiótica plástica, sobretudo do semioticista francês Jean-Marie Floch (1983; 1995; 2002), Teixeira (2004; 2009) desenvolve uma proposta metodológica para a análise de textos sincréticos, especialmente os verbovisuais. Para a autora, é importante, após muita observação, investigar o modo de manifestação das seguintes categorias de expressão visual: a) *cromática* (claro vs. escuro, puro vs. mesclado, monocromático vs. policromático, saturado vs. não saturado etc.), que trata do sentido das cores e suas combinações; b) *eidética* (curvilíneo vs. retilíneo, arredondado vs. pontiagudo, multiforme vs. uniforme etc.), voltada para a função das formas na constituição do todo; c) *topológica* (inferior vs. superior; esquerdo vs. direito; central vs. periférico; englobante vs. englobado etc), que atenta para a organização do espaço e *matérica* (rugoso vs. liso, diluído vs. pastoso, com relevo vs. sem relevo), aplicada somente nas artes plásticas, que verifica o

sentido das pinceladas na obra.

Além das três primeiras categorias de expressão visual anteriormente mencionadas, interessa-nos também a verificação do conteúdo visual, com as suas figuras e seus temas subjacentes, ou seja, as imagens presentes nos elementos provocadores representam semioticamente figuras do conteúdo visual, as quais revestem temas. Por fim, será relevante estabelecer uma relação entre as categorias de expressão e conteúdo visual.

Metodologicamente, estamos considerando o elemento provocador um texto sincrético. Para a realização de sua análise, reunimos as categorias de expressão visual, as estratégias de construção do enunciado verbal e os conteúdos verbal e visual. Acredita-se que esses conceitos sejam suficientes para obtermos o resultado almejado, ou seja, compreender a imagem de beleza feminina veiculada na parte oral do exame Celpe-Bras.

### 3 Mulher e beleza

Nossa pretensão, ao desenvolver uma seção abordando o padrão estético e o conceito de belo, não é de modo algum escrever um texto com aprofundamento histórico ou sociológico, mas sim apresentar alguns discursos sobre essa temática que contribuem para a compreensão da análise.

De acordo com Beauvoir (2019, p. 113-116), apoiados no discurso do “privilégio biológico” de ser “mais forte” e “não parir”, os homens se afirmaram como sujeitos soberanos, alcançando a possibilidade de ter a mulher como serva ou propriedade. Desse modo, como destaca a feminista francesa, desde a antiguidade a mulher nunca definiu seu destino, nunca obteve poder para decidir suas ideias e conduzir sua própria vida, ela é vista como mercadoria, deusa, bruxa, nunca como semelhante.

Tornado o *Outro inferior*, descrito por meio de discursos biologizantes, matrimoniais e sexualizadores, o sujeito feminino foi destinado aos papéis de mãe, esposa, dona de casa e objeto sexual. Uma figura fundamental para saciar o desejo dos homens e perpetuar a existência. Nesse contexto, a beleza surge como uma moeda valiosa, pois a mulher precisa ser bela, fértil e saudável para cumprir sua função. O patriarcado considera a busca da beleza como natural para o sujeito feminino, da mesma forma que a impõe como necessária, pois as mulheres precisam ficar bonitas para “arrumar marido”.

Como qualquer disputa histórica entre opressores e oprimidos, as mulheres buscam reagir à opressão masculina, entre outras maneiras, organizando-se em movimentos de manifestações, as “ondas feministas”. Na década de 1930, as *sufragistas* conquistaram, por exemplo, o direito ao voto e à ampliação da educação.

Os anos 1960 e 1970 também conheceram grandes reivindicações feministas. Nesse momento, as mulheres tomam conta do cenário mundial exigindo a equidade entre os sexos. Como resposta aos protestos, foram implementadas políticas públicas que asseguraram diversos direitos ao sujeito feminino, além do surgimento, como elucida Duarte (2019, p. 42), da “tecnologia anticoncepção que se torna o grande aliado do feminismo, ao permitir à mulher igualar-se ao homem no que toca à desvinculação entre sexo e maternidade, sexo e amor, sexo e compromisso”. Houve uma revolução sexual e social do indivíduo mulher na sociedade, que deu origem a uma explosão de pautas feministas, tais como o aborto, a sexualidade feminina, o trabalho, entre outras, que são motivo de discussões até os dias atuais.

Observa-se, entretanto, que mesmo obtendo conquistas no acesso ao trabalho, na vida financeira, no controle do corpo, na escolha da maternidade e no matrimônio, a mulher ainda está fortemente vinculada a padrões de beleza ditados por uma sociedade patriarcal, o que muito bem nos mostra Wolf com suas reflexões:

À medida que as mulheres se liberaram da Mística Feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística

definhava, para assumir sua tarefa de controle social. [...] Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não conseguem impor. Ela procura neste instante destruir às ocultas e em termos psicológicos tudo de positivo que o movimento proporcionou às mulheres abertamente e em termos tangíveis. (WOLF, 2017, p. 17)

Nos dias atuais, a beleza corporal é muitas vezes confundida com felicidade, realização e saúde, levando à crença que é preciso ter uma determinada aparência que os padrões consideram bonita para ser saudável e feliz. Na realidade, o que ocorre é uma manipulação das peças publicitárias para vender essa falsa aparência, convencendo o público feminino que padrões estético-corporais, reproduzidos a partir de imagens de mulheres com o corpo magro e boa forma, verdadeiros “mártir” da autodisciplina, são essenciais para se estar saudável e com disposição. Expondo, dessa forma, a beleza como um bem que só pode ser alcançado a partir de regras, ditadas por uma sociedade patriarcal que exige uma beleza “saudável” (magra) e jovem.

Essa pressão do padrão estético ao gênero feminino é vista em vários domínios da sociedade e em todas as fases da vida da mulher. Isto é notório no contraste da chegada da velhice para o sujeito feminino e masculino, pois, ao passo que no homem ela é perfeitamente aceitável, sendo diversas vezes comparada com a aquisição de responsabilidade e experiência, no caso da mulher o envelhecimento é visto como um desleixo, trata-se de algo que deve ser evitado, uma vez que é um indício da perda da jovialidade reprodutora supervalorizada. Como evidencia Beauvoir (2019, p.385), aos olhos do patriarcado a mulher que perde a sua fecundidade perde também a sua função, o motivo de sua existência, sendo bruscamente realocada do lugar de atração e beleza para um espaço de exclusão e rejeição. Desse modo, como elucida a autora, nega-se a feminilidade e o erotismo que por todo o percorrer de sua vida lhe foram impostos.

Nesse cenário amedrontador atual, no qual ser velha, gorda ou não se adequar ao padrão é um sinônimo de desprezo, desde muito cedo todas são induzidas a realizar diversos procedimentos estéticos que prometem retardar o envelhecimento e “melhorar” incansavelmente a aparência física, a fim de permanecerem sempre em boa forma, jovens e, enfim, aceitas e tidas bonitas. Sendo assim, percebe-se que o patriarcado dissemina conceitos sexualizados e inalcançáveis de beleza e manipula as mulheres desde novas a mantê-los até a velhice, obrigando-as a reproduzir a todo custo imagens idealizadas para satisfazer as necessidades de outrem. Como observa Wolf (2017, p. 19):

A “beleza” é um sistema monetário semelhante ao padrão-ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram.

Portanto, a sociedade patriarcal expõe a beleza como uma necessidade para a mulher, espera-se do sujeito feminino uma aparência jovem e magra para obrigatoriamente saciar os desejos do imaginário dos homens. Ou melhor, a preocupação com a boa forma e o estético é colocada como natural para a mulher, justificando-se como uma preocupação normal do feminino, além de necessária para obter um marido. Nesse contexto, as mulheres passam a valorizar tão excessivamente a figura da beleza, seja essa qual for, que mesmo que tal situação comece a provocar algum transtorno psicológico ou dor em seu corpo, essa questão passa a ser aceita e até prestigiada. O indivíduo feminino toma para si os valores do opressor a tal ponto que o desconforto da dominação e submissão que isso causa é subvertido em algo

necessário e enaltecido.

Além da opressão dos corpos, esse problema desemboca também no consumismo, já que, na busca de conseguir a imagem da boa forma repassada nos meios de comunicação, as mulheres são muitas vezes levadas a investir tempo e dinheiro em meios de alcançar esse objetivo. Desse modo, essa cobrança do patriarcado, aliada ao sistema capitalista, faz emergir a indústria da beleza, que se aproveita dos julgamentos, discriminações e imposições ao sujeito feminino em relação à aparência para vender produtos que prometem o “corpo padrão”.

Mais uma vez, na tensão histórica entre dominação e resistência, ainda que o culto ao corpo belo permaneça muito disseminado nas redes sociais e meios de comunicação, intercruzado discursivamente com a roupagem do “saudável”, outro movimento contrário vem se consolidando a pequenos passos. É esse o *body positive*, que traz como conceito uma beleza sem competição feminina e que promove a aceitação corporal, incentivando o amor próprio e a pluralidade do belo. Nele, as mulheres não são convencidas que seus corpos estão errados e precisam de soluções com o uso de cirurgias plásticas, cremes ou qualquer coisa consumível. O movimento cria um ambiente acolhedor no qual os “ensinamentos” (cobranças) da ideologia patriarcal são deixados para trás para dar lugar a sua liberdade. Acerca das transformações que esse movimento proporciona, diz Wolf (2017, p. 270): “Essa nova perspectiva transforma não nossa aparência, mas nossa forma de ver. Começamos a ver o rosto e o corpo das outras mulheres pelo que são, já sem a superposição da Donzela de Ferro”.

Percebe-se que devido aos trabalhos sociais sobre aceitação, valorização e representatividade dos sujeitos marginalizados e oprimidos, inúmeras mulheres estão progredindo na liberdade das amarras opressoras da ideologia patriarcal.

A seguir, analisaremos como essas questões permeiam o Celpe-Bras, pois, apesar de o objetivo da prova ser verificar a competência comunicativa do candidato, ao fazer uso de elementos provocadores compostos de imagens e textos que discorrem sobre o feminino, o exame reproduz discursos e pontos de vista acerca dessa temática.

#### **4 A beleza feminina nos elementos provocadores do Celpe-bras**

Como dito anteriormente, no total, encontramos dez elementos provocadores que associam a imagem feminina à noção de beleza, corpo ou estética, dentre os quais escolhemos dois para servir de base a nossa análise. O primeiro (figura 1) consta da edição de 2007.1:

Figura 1 - Elemento provocador “Para retardar o envelhecimento”



O elemento provocador apresenta em sua composição parte de uma reportagem publicada no *Jornal da Pampulha*, em setembro de 2005, no estado de Minas Gerais, que enumera algumas “dicas” para retardar o envelhecimento, retiradas da obra *A construção da beleza*, do Dr. Otávio R. Macedo.

Topologicamente o texto é dividido em quatro extremidades marcadas pelas relações construtivas *esquerdo vs. direito* e *superior vs. inferior*. Do lado esquerdo, encontram-se expostos os enunciados verbais com as “dicas para retardar o envelhecimento”, cada uma acompanhada de um símbolo visual.

Do lado direito surge a imagem do feminino na forma de ilustração e envolta por um círculo, o que lhe confere maior destaque. No plano superior, com letras maiúsculas e grandes, podemos ler o título “Para retardar o envelhecimento” e, no plano inferior, uma espécie de assinatura, na qual se identifica de onde foram retiradas as informações.

Na categoria cromática, tem-se o branco como cor predominante, remetendo ao campo da medicina, uma vez que é um dermatologista quem dá as dicas, e também trazendo uma ideia de regras prescritas num papel. Os tons avermelhados e quentes, presentes na figura feminina, indicam saúde e vitalidade, o famoso rosto “corado”, enquanto o azul nos símbolos sugere algo saudável, que leva ao bem-estar.

Em relação ao nível discursivo, verifica-se que o enunciador, por meio da debragem enunciativa, realiza o apagamento das marcas da enunciação no enunciado, investindo em um efeito de sentido de objetividade, predominante no discurso científico. Dessa forma, a busca pelo convencimento não parte de um sujeito que aconselha, mas de prescrições médicas, argumento de autoridade quando se trata de saúde e bem-estar. À autoridade de um dizer com efeitos de sentido científico, soma-se o emprego generalizado do imperativo (“Beba”, “Pratique”, “Hidrate”, “Use”, “Mantenha”, “Consuma”, “Utilize”, “Faça”), levando o sujeito a *dever* buscar o cuidado consigo mesmo, como se estivesse em suas mãos a possibilidade de retardar o envelhecimento.

O texto usa de argumentos médicos para convencer o leitor que seu corpo precisa



permanecer eternamente jovem. A presença de uma figura feminina ilustrando o elemento provocador aponta para as mulheres como público-alvo predominante das dicas apresentadas. A perspectiva adotada, também presente nas edições de 2008.2 (“Os limites do estica e puxa”) e de 2009.2 (A velhice começa aos 27), ambas figurativizadas por mulheres, compreende a velhice como uma ameaça desfavorável e indesejada.

Tematicamente, são expostos hábitos e práticas disciplinadoras para se retardar o envelhecimento. O conjunto de figuras empregadas no revestimento desse tema – filtro solar, complexos vitamínicos, peeling, botox, associa o retardamento da velhice à beleza e ao consumo de uma gama de produtos da chamada “indústria da beleza”. O caráter de complementariedade entre esses temas encontra-se também presente no título do livro de onde foram retiradas as informações para o elemento provocador: *A construção da beleza*.

Essa relação tema-figuras revela um universo ideológico patriarcal que considera a aparência envelhecida como algo feio e repulsivo. A mulher deve evitar estar velha, pois envelhecer é vergonhoso, desagradável e feio. Nem mesmo na propaganda que é direcionada às mulheres mais velhas ela aparece, o símbolo de destaque é uma ilustração de uma moça que esbanja juventude. Isso ocorre porque, no conceito patriarcal, a mulher velha perde tudo o que é fundamental para sua existência: sua fertilidade e sua aparência.

A figura do feminino reveste também o percurso temático da dieta e da boa alimentação, como pode ser observado nas edições de 2003.2 (Dietas) e 2006.1 (Você é o que você come). Diante da imposição da sociedade patriarcal, aliada ao apelo mercadológico do consumismo, desabrocha a exigência da mulher exercitar-se, comer bem e manter o corpo jovem. Tudo construído na aparência de boa forma e do corpo saudável.

O segundo elemento provocador selecionado para análise (figura 2), retirado da edição de 2017.1, contrariamente aos anteriores, promove um discurso de aceitação do corpo feminino. Vamos à análise.

Figura 2 - Elemento Provocador “Marina adora seu vestido”



“Marina adora seu vestido”, além da informação sobre a edição do exame, que se repete, de modo estável, na parte de cima de todos os elementos provocadores, reproduz uma arte da cartunista Carol Rossetti, presente no livro *Mulheres*, o qual reúne um conjunto de obras que denunciam as opressões cotidianas sofridas pelo sujeito feminino na sociedade patriarcal.

No que concerne ao plano de expressão, mais especificamente às formas, observa-se a predominância do curvilíneo em todo o texto. Tais formas, associadas ao porte do seu corpo, são vistas nos contornos arredondados do sujeito Marina e na esfera que a envolve, dando-lhe evidência para a sua figura, enquanto o retilíneo compõe os recortes laterais do quadro e as próprias letras.

A organização espacial contrasta *central vs. periférico*, sendo o primeiro composto de uma figura feminina, enquanto os planos superior e inferior alojam enunciados verbais.

Cromaticamente, verifica-se que a obra tem o predomínio do marrom envelhecido e saturado. Essa coloração sugere uma ideia ao mesmo tempo de simplicidade e de desgaste, remetendo possivelmente ao fato de a opressão feminina ser simples e cotidiana, pois as mulheres são bombardeadas pela dominação patriarcal todos os dias nos mais diversos ambientes, como também provocando um efeito de sentido de discurso gasto e arcaico, que vai (ou precisa ir) se deteriorando com o tempo. Outro aspecto cromático relevante é o contraste *claro vs. escuro* do vestido da Marina, que, repetido diversas vezes em forma de listra, atrai a atenção do leitor para o corpo da menina.

As localizações das expressões verbais na composição do elemento não são aleatórias. Isto é, por meio do espaçamento dos enunciados, o *cartoon* apresenta dois discursos distintos. Um que diz respeito à opressão patriarcal envolta ao corpo feminino e outro que aponta para um movimento de aceitação e empoderamento desse corpo. O primeiro faz uso da debreagem enunciativa, visando transmitir um efeito de objetividade e formalidade. Assim, a frase “**Marina** adora seu vestido listrado, mas as revistas de moda disseram que listras horizontais não combinavam com o seu **corpo**.” mostra-se como um padrão social inquestionável, um fato aceito que deve ser cumprido. Ressalte-se que o enunciado termina em ponto final e traz em destaque, com letras maiores, as palavras *Marina* e *corpo*, sugerindo uma regra que não tem negociação, ao corpo grande interditam-se listras horizontais. Porém, o tempo do enunciado encontra-se no pretérito – *disseram, não combinavam*, absolvendo esse corpo no presente.

Em sentido diverso, o texto abaixo da ilustração é construído em debreagem enunciativa, produzindo um efeito de sentido de aproximação com o enunciatário: “Liga pras revistas não, **Marina**. O importante é usar o que **gosta** e se **sentir bem** com o seu **próprio corpo!**” A omissão da negação no início da frase ( $\emptyset$  liga vs. não liga) e a contração da preposição com o artigo (pras vs. para as), somadas ao emprego do vocativo “Marina” conferem ao enunciado um efeito de informalidade, promovendo uma ideia de aconselhamento e remetendo a uma conversa sem muitas sofisticções linguísticas, carregada de subjetividade. O efeito de intimidade construído entre o narrador e o narratário (Marina) extrapola o enunciado e envolve o leitor, que também é aproximado pelo tom informal e amigável.

O tempo é projetado como um presente estendido (omnitemporal), o que confere mais força ao discurso, ao mesmo tempo em que reforça o aspecto “ultrapassado” da primeira parte.

Dessa vez as expressões em destaque não são mais apenas *Marina* e *corpo*, havendo acréscimo de *sentir bem* e *próprio* (corpo). Não se trata mais de um discurso categórico, que fala de um corpo genérico (seu corpo), impedindo as pessoas que não estão dentro das normas de fazerem o que desejam e se sentirem bem, e sim de um discurso que estimula a aceitação e o bem estar com as particularidades (seu próprio corpo), perspectiva que vem enfatizada pelo ponto de exclamação no final do período.

No que tange à semântica discursiva, nota-se que a discussão tematiza os padrões de beleza, opondo dois discursos, um primeiro no qual é preciso “disfarçar” o corpo gordo e, por isso, não usar listras horizontais, e o segundo, adotado pelo *cartoon*, que defende a

ressignificação da beleza, associando-a ao bem estar e à aceitação de diferentes padrões. Nesse caso, o bem estar não depende de práticas que buscam um corpo legitimado ou de aparências, mas de uma relação positiva com a própria imagem. A beleza deixa de ser aquela irreal disseminada pelas revistas de moda que reproduzem a ideologia da sociedade patriarcal e passa a estar associada a um corpo real, com marcas e exceções. Essa perspectiva de beleza, que nega a necessidade de a mulher ter sempre um corpo jovem e bonito e defende a aceitação do próprio corpo como fórmula de bem estar, denota liberdade e empoderamento feminino.

Estabelecendo uma relação entre a expressão e o conteúdo, verifica-se uma correspondência entre as oposições liberdade vs. opressão, no conteúdo, e curvilíneo vs. retilíneo, na expressão. As curvas e as formas arredondadas se ligam à liberdade, enquanto o retilíneo se conecta à opressão. Nesse sentido, temos um sujeito feminino incentivado a se desprender dos abusos do patriarcado e passar a viver sua vida com a liberdade de vestir o que gosta.

## 5 Considerações finais

Todo exame em grande escala exerce um importante papel de “influenciador”, pois, além dos inúmeros candidatos, há também os cursos preparatórios, materiais didáticos, avaliadores, entre outros envolvidos. Nesse sentido, observa-se claramente que o Celpe-Bras defende e adota a perspectiva comunicativa de aquisição de língua estrangeira, que privilegia o uso em detrimento da exclusividade da forma.

Não se pode esquecer, porém, que os textos utilizados na prova trazem consigo uma visão de mundo que extrapola o ensino-aprendizagem de línguas. Diante disso, as teorias do discurso podem trazer contribuições, tornando mais explícitos os discursos aí presentes, pois, como todos sabemos, os elementos ideológicos funcionam como coerções e nem sempre é possível “dominá-los” em nossa linguagem. Além de apresentar uma metodologia didática de análise de textos verbovisuais que se mostrou adequada para a análise dos elementos provocadores, a Semiótica francesa pôde contribuir para a apreensão da perspectiva ideológica - no que concerne o feminino, que o Celpe-Bras vem adotando para divulgar a língua portuguesa do Brasil no mundo.

O resultado de nossa análise revela um deslocamento discursivo no exame do Celpe-Bras no que se refere à temática da beleza feminina e, conseqüentemente, da mulher. Por um lado, o primeiro elemento provocador analisado, presente na edição 2007.1 e vários outros mencionados - “Dietas” (2003.2), “Você é o que você come” (2006.1), “Os limites do estica e puxa” (2008.2) e “A velhice começa aos 27” (2009.2) - reproduzem um discurso mais alinhado ao modelo feminino e os padrões de beleza de uma sociedade patriarcal, que espera que uma mulher seja bela, jovem, magra e dona de casa. Por outro lado, após 2016, predominam textos que colocam em questão esses padrões, como acontece no segundo elemento provocador que analisamos e também como foi verificado nos seguintes elementos provocadores: “Por que é sempre a mãe » (2018.2), « Maternidade no currículo » (2019.2), « Mulheres em cargo de comando » (2018.2), « Engravidar sim ou não » (2019.2). Nos últimos cinco anos, o que se percebe são textos que incentivam o questionamento do modelo feminino previamente apontado, trazendo discussões sobre a maternidade como uma possível escolha, os papéis de mães e pais na criação dos filhos, o avanço das mulheres em cargos de liderança no mercado de trabalho e os padrões de beleza.

Entretanto, é importante ressaltar que, além das reflexões sobre a situação das mulheres na sociedade ser bastante marginal no exame, como revelou a baixa porcentagem de elementos provocadores sobre as questões de gênero, ainda predominam associados à mulher os temas da beleza e da maternidade, assim como ocorre no discurso patriarcal.

Diante do exposto, responder à questão “qual é a imagem de beleza feminina veiculada

pelo Celpe-Bras?” torna-se, talvez, uma tarefa complexa demais. Como a vida e a história, trata-se de um elemento em disputa, um discurso em transição. Dessa forma, não teríamos a imagem de uma figura clássica, linear e acabada, mas uma imagem barroca, pictórica e inacabada. Outras pesquisas que estabeleçam a comparação entre o masculino e o feminino ou abordem temáticas que fazem parte das discussões de gênero poderão contribuir para o delineamento de uma imagem mais clara.

### Referências

- BARROS, Diana. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2016.
- FLOCH, Jean-Marie. Sémiotiques syncrétiques. **Le Bulletin**. Paris, Groupe de recherches sémio-linguistiques, 6 (27), set.1983.
- FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologie de l’oeil et de l’esprit: pour une sémiotique plastique**. Paris: Hadès-Benjamins, 1985.
- FLOCH, Jean-Marie. **Une lecture de Tintin au Tibet**. Paris: PUF, 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, s.d.
- TEIXEIRA, Lucia. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. **Gragoatá**, Niterói, v. 16, p. 229-242, jan./jul. 2004.
- TEIXEIRA, Lucia. Para uma metodologia de análise de textos verbosuais. In: OLIVEIRA, A.C. de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos em semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p.41-77.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2017.

Submetido em 30/04/20

Aceito em 31/07/20